



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

Gabriela Carlos Luz

Univ. Est. Paulista Júlio de Mesquita Filho/FCRAr

orcid.org/0000-0001-8951-6246

gabrielacarlosluz@gmail.com

Cido Rossi

Univ. Est. Paulista Júlio de Mesquita Filho/FCRAr

orcid.org/0000-0003-3930-1284

aparecido.rossi@unesp.br

Os descendentes de Caim e suas habitações tenebrosas em Beowulf

RESUMO: O presente trabalho pretende analisar as características encontradas nos três monstros principais do poema anglo-saxão Beowulf, assim como investigar a construção do espaço amedrontador e atmosfera de terror encontrado nas descrições dos ambientes onde os próprios monstros habitam. O trabalho descreve como a personificação dos monstros do poema como “descendentes de Caim” e detentores de todo o mal ilustra como o processo de conversão da sociedade anglo-saxã se deu na alta Idade Média. A substituição dos valores pagãos com as novas doutrinas cristãs, que já haviam adentrado o imaginário da época quando o texto foi redigido, forçaram poetas medievais a adaptarem as lendas antigas e a lhe darem novos simbolismos contidos nas crenças cristãs. A partir desta característica, o poeta de Beowulf precisou encontrar um modo certo de reproduzir uma lenda pagã nos novos padrões do cristianismo. A partir de estudos baseados nas leituras de Borges em Curso de literatura Inglesa (2000) e Tolkien em “The monsters and the critics” (1936) abordaremos como as características das criaturas antagonicas são reflexos das doutrinas cristãs e como o texto foi cuidadosamente escrito para se encaixar em tais valores ainda assim tentando manter seu potencial artístico. Também iremos focar em textos de diversos outros críticos para entender suas perspectivas sobre a criação das atmosferas de terror e construção de personagens antagonicos em textos medievais.

PALAVRAS-CHAVE: Beowulf; cristianismo; literatura medieval; monstros.



INTRODUÇÃO

[...] E mesmo o cervo
de ásperos cornos, por cães acossado,
prefere, após longa fuga, perder
a vida (errante entre urzes), ao entrar
no bosque, a ocultar a cabeça à beira
da água. Em nada o local é aprazível.
Lá, ondas escuras, encapeladas,
vão 'té as nuvens, quando os ventos movem
tempestades ; logo, o ar torna-se lúgubre,
e o céu plange. [...]
(BEOWULF, 2011, p.87)

Assim é como Rei Hrothgar da tribo dos Danos resume a região maléfica a qual Beowulf e seus companheiros estão para adentrar a procura de sua inevitável luta contra a Mãe de Grendel, um dos principais monstros antagônicos do poema anglo-saxão *Beowulf*. A descrição parte com temor pelo rei sábio, contudo, é recebida com desaforo pelo guerreiro da tribo dos Getas, Beowulf, que não teme tais adversidades e sente ser necessário o confronto com tal criatura. Desta forma, um dos elementos mais bem construídos em *Beowulf* seriam as criaturas pavorosas e os ambientes amedrontadores onde habitam. Para o autor do manuscrito, muito esforço possivelmente foi necessário para criar lugares e cenas aterrorizantes em um texto medieval baseado em uma lenda pagã, afinal, muito de sua escrita teve que ser cuidadosamente estruturada para que o texto fosse considerado próprio em meio aos dogmas cristãos da época.

As façanhas do herói Geta se dão pela sua força e coragem, entretanto os monstros com quais deve lutar, mesmo sendo parte de um mundo fantasioso arcaico, possuem características importantes demais para não serem analisadas. Primeiramente devemos estabelecer com quais criaturas Beowulf de fato luta ou "afirma" ter lutado. Temos os principais monstros do poema sendo Grendel, o primeiro deles e o de maior espaço na narrativa. Logo após temos a mãe do mesmo monstro: a Mãe de Grendel com quem o herói luta ainda em sua juventude. Por fim, após uma divisão no poema, Beowulf, em sua velha idade, luta contra um dragão inominado que ameaça sua tribo. O guerreiro da

tribo dos Getas também afirma ter lutado contra monstros marinhos em sua juventude, após uma corrida de natação, no famoso episódio no qual discute com Unferth, um dos varões de Rei Hrothgar, então sua experiência com tais criaturas não devem ser considerada inédita.



Beowulf luta também com diversos outros monstros inferiores, principalmente em sua missão no covil da Mãe de Grendel, contudo, neste trabalho analisaremos somente cenas e descrições que consideramos pontos chaves na construção do espaço e personagens de terror. São elas: as descrições dadas a respeito de Grendel e sua mãe como descendentes de Caim; a habitação dos monstros onde Beowulf deve entrar para lutar e por fim, o dragão inominado que abate o guerreiro já velho no término do poema.

GRENDEL

Podemos considerar Grendel o monstro principal do poema, sendo ele o primeiro antagonista que aparece e aquele que dará a Beowulf seu nome de fama. Quando Borges dá sua aula acerca do poema anglo-saxão em seu livro *Curso de literatura Inglesa* (2000), ele discute como o núcleo da história de *Beowulf* pode ser visto apenas como lutas contra um "ogro, a bruxa e o dragão" (BORGES, 2002, p.15). Contudo, Borges sabia da importância de tais personagens já que, para o público, eram "símbolos das forças do mal e eram levados muito a sério pelo auditório" (BORGES, 2002, p.15). Ao começar pelas características de Grendel, temos um gigante maléfico cuja única fonte de satisfação seria a ruína dos homens. O poeta dá a descrição necessária para a criatura:

[...] Seu nome era Grendel:
famigerado ser, um forasteiro
estranho – criatura errante das margens,
dos cercados e dos charcos. Tal ser,
sem a benção de Deus, banido, habitava
a moradia de sua raça de monstros.

Assim, vingara o Criador a vida
de Abel, da raça de Caim – assassino.



E gerou-se, então, todo o mal: gigantes, elfos e, mais, maléficos espíritos, os quais lutaram por tão longo tempo contra Deus. Por isso o preço pagaram. (BEOWULF, 2011, p.9)

O “preço” pago por tais criaturas é aceito amplamente como o dilúvio bíblico, ao qual é dito que Deus expulsou as criaturas vis da terra com sua força. Aqui, então, começamos a ter que discutir um tema tão necessário ao poema quanto à cota de malha aos guerreiros: o cristianismo.

Tendo seu manuscrito datado por volta do ano 1000 d.C., *Beowulf* é na verdade uma tradição oral cuja origem remonta há tempos mais longínquos. O códice *Cotton Vitellius A. XV*, no qual *Beowulf* se encontra narrado e preservado, é somente a passagem da lenda para a escrita. Podemos então entender o porquê o autor do texto no manuscrito possivelmente teve muito cuidado ao reproduzir uma lenda pagã no cristianismo britânico. Tais lendas ainda eram muito bem conhecidas pelo público, entretanto, a religião cristã já se encontrava inserida nas ilhas Britânicas há alguns séculos e elementos como os deuses e criaturas nórdico-germânicas não seriam vistos de bom grado pela Igreja se estivessem intocados pelas suas doutrinas.

Como Borges (2002) comenta sobre a reprodução da história e dos cuidados a serem tomados com este tipo de narrativa na época, o autor “[n]ão podia, guardando o decoro da época, falar elogiosamente dos deuses pagãos.” (p.14). O resultado, aqui, queira tenha sido por fé, licença poética ou medo de perseguição, conecta a tradição cristã à tradição nórdico-germânica. Assim, vários dos elementos no poema são profundamente marcados e, da mesma forma, transformados pelo cristianismo.

Uma das características mais interessantes que podemos estabelecer sobre Grendel se dá ao fato que o poeta lhe descreve como “descendente de Caim”. Caim, na Bíblia, é o irmão de Abel, que o mata por inveja e assim é amaldiçoado por Deus. “Agora, és maldito e expulso do solo fértil que abriu a boca para receber de tua mão o sangue de teu irmão. Ainda que cultives o solo, ele não te dará mais seu produto: serás um fugitivo errante sobre a terra.” (GÊNESIS 4: 11-12, 2002, p. 39).

Em *Beowulf A dual-language edition* (1977) Howell D. Chickering Jr. comenta sobre a raça de Caim em suas



análises do livro. Nela, o autor explica que a origem da concepção de Caim como o procriador de monstros demoníacos que vagam sobre a terra se dá em um dos livros apócrifos da Bíblia chamado Livro de Enoque (ou Henoc em algumas traduções). Entretanto, os livros canônicos trazem passagens que descrevem uma raça mitológica de gigantes vivendo na terra e tais gigantes seriam, possivelmente, gerados a partir da prole de Caim que se proliferou no mundo dos homens. "Em *Beowulf*, parece claro que qualquer que seja a origem de Grendel e sua mãe, Grendel é desenvolvido em grande parte como um dos gigantes notórios do Antigo Testamento, que, segundo a tradição comum, nasceram da união entre os *fili Dei* e *filiæ hominum* [...]"ⁱ (KASKE, 1971, p. 423, tradução nossa). A descrição de um monstro horrífico tal como Grendel como descendente de Caim aponta para a fusão do cristianismo no texto e serve também de justificativa para a "malícia" inerente desses seres. "Kaske chama Grendel de uma perversão do *fortitudo* governada pela *malitia*, ou malícia - todos são ação sem reflexão, enquanto os Danos são todos reflexão sem ação." ⁱⁱ(CHICKERING, 2006, p. 23, tradução nossa). Para Tolkien em seu estudo "The monsters and the critics" (1936) o fato da menção da descendência de Caim existir no texto é de fato muito importante. "Eles são diretamente conectados com as Escrituras, mas não podem ser dissociados das criaturas do mito do norte."ⁱⁱⁱ (TOLKIEN, 2002, p. 122, tradução nossa). Assim sendo, associar um monstro pagão com um personagem bíblico é o melhor indício da fusão das culturas. É a melhor maneira de visualizar o passado pagão sendo convertido ao futuro cristão. "Nesse ponto, as Escrituras novas e a velha tradição tocaram-se e inflamaram-se."^{iv} (TOLKIEN, 2002, p. 122, tradução nossa). É sabido que nenhuma das duas culturas continuou a mesma após essa mescla.

Em *Beowulf*, o poema narra que Caim e sua prole (nos quais são incluídos monstros, ogros, elfos, etc.) lutaram contra Deus e por isso sofreram punições. Os monstros sofreram ainda mais um exílio e agora devem habitar as regiões pantanosas que são descritas. Se o castigo que lhes fora dado foi de fato o dilúvio, então é interessante (e conveniente) que as regiões agora

habitadas pelas criaturas se deem tão perto da água e em regiões de charcos escuros.



Antes da luta contra Grendel, contudo, temos o episódio da discussão entre Beowulf e Unferth, outro varão da tribo do rei Hrothgar. Neste momento, o salão de hidromel, *Heorot*, se encontra em festa dado que acreditam que Beowulf tenha força suficiente para liberá-los da grande ameaça. Unferth, no entanto, cria uma confusão ao afirmar que conhecia uma história em que Beowulf não conseguiu vencer uma corrida marítima com seu companheiro Breca. Na história é dito que os dois jovens competiram em uma corrida de natação e Beowulf não conseguiu vencer seu adversário, por isso Unferth não vê esperança que o guerreiro vença Grendel.

Beowulf, em contraponto, rebate as incitações de Unferth, mas conta que realmente foi vitorioso em sua corrida além de ter lutado contra diversos monstros:

81

Sim: nado, poder de pego,
superior a todos eu supus ter,
na dureza das ondas. Detínhamo-nos
ao acordo de a vida aventurar, lá,
naquelas ondas, jovens que éramos.
Armados, pois, contra as baleias, ambos
para o oceano fomos. [...]
Firme e feroz, arrastou-me até o fundo
marinho um ser inimigo - mortal. [...]
Por várias e várias vezes, malignos
destruidores (assim, tão detestáveis)
me estorvaram. [...] Nove monstros marinhos
anulei com o meu gládio.
(BEOWULF, 2011, p. 35-37)

Os monstros que Beowulf luta na história contada sobre a corrida contra Breca não são descritos detalhadamente e como são parte da narrativa do guerreiro e devemos pensar até que ponto podemos confiar no que o personagem conta. Não há indícios que Beowulf não seja um narrador confiável, porém, em um momento de briga dentro do salão de hidromel, o herói pode ter criado diferentes versões da história.

Quanto a Grendel no poema, este é finalmente atacado por Beowulf e após ter sido ferido mortalmente, foge de *Heorot* e morre nos pântanos que são sua casa. "Voltou

Grendel, / com chaga letal, aos charcos – seu chão / sob as
fragas -, infeliz, o seu fim / (ele bem o sabia) estava próximo.”
(BEOWULF, 2011, p. 53).



MÃE DE GRENDEL

O segundo monstro a ser analisado é a Mãe de Grendel. Tal criatura possui as mesmas características do filho como descendente de Caim e habitante dos ermos, mas não é considerada de grande importância por Tolkien em seu estudo. Em nosso trabalho, consideramos a criatura de grande interesse para análise, já que ela não só habita a região de construção de terror no poema como também é um ser dotado de profundidade. É uma figura feminina profana e tão aterrorizadora quanto seu próprio filho.

[...] a mãe de Grendel, infesto hoste. Em mente
tinha, por tanto tempo tormento:
tivera que habitar temíveis águas
(fêmea guerreira nas frias ribeiras),
quando, co'a espada, ao seu único irmão Caim
matara – parente de mesmo pai –
e, marcado pela morte, do humano
júbilo fugira – fora para o ermo.
De lá, saíram muitos seres, pelo
Fado enviados. Deles, Grendel fora um
[...] De desgraças jornadas
a mãe fez pra desforra de seu filho –
lúgubre no âmago, de vingança ávida.
Foi a Heorot.
(BEOWULF, 2011, p.79-81)

Para vingar a morte de seu filho, que acabou de ser morto por Beowulf, a Mãe vai até *Heorot* (o salão dos Danos e onde sucedeu-se a luta contra Grendel) e ataca os guerreiros e nobres que ali estavam, raptando Æschere, o conselheiro do rei. A Mãe de Grendel é descrita como uma criatura de aparência feminina, que habita regiões dos pântanos, mas também é

referida como algo que aparenta uma loba. Na tradução de Erick Ramalho (2011) ela é descrita como “a loba do mar”



(p.95). "A devoradora / (ávida) há meio século nas águas estava. [...] Desceu, a detê-lo / p'la malha de anéis, a loba do mar / rumo ao lar seu, no fundo. (BEOWULF, 2011, p. 95).

Elementos femininos podem ser vistos ao longo do poema e compreendem um mundo não muito conhecido por Beowulf. As mulheres não têm grande representação no texto, sendo a mais significativa (no mundo dos homens) Wealtheow, esposa de Hrothgar e anfitriã do salão. Ela, com sua personalidade materna e de aspecto delicado é contrastada pela Mãe de Grendel que encarna um feminino mais perigoso. As decisões das duas, contudo, são baseadas na segurança de seus filhos.

Há muitos estudos sobre a psicologia por trás do monstro e como a própria luta entre Beowulf e "a loba do mar" podem significar um impulso sexual. Mas como Gwendolyn A. Morgan trata a criatura em seu artigo "Mothers, monsters, maturation: female evil in Beowulf" (1991) a Mãe de Grendel deve ser reconhecida como a "Mãe Terrível": "[...] a Grande Mãe se torna a Mãe Terrível, um monstro que domina, ameaça e em algumas manifestações, devora o masculino."^v (p. 55, tradução nossa).

Joseph Campbell (2007) também separa um momento em *O herói de mil faces* (1949) para identificar a figura feminina (tanto a benigna quanto a terrível) no monomito do herói.

Todavia, a imagem recordada não é de todo benigna; pois também a *mãe "má"* – 1) a mãe ausente e inalcançável, contra quem são dirigidas fantasias agressivas e de quem se teme uma contra-agressão; 2) a *mãe repressora ameaçadora e punitiva*; 3) a *mãe que mantém junto a si o filho em crescimento que deseja seguir seu próprio caminho*; e, por fim, 4) a *mãe desejada, mas proibida* (complexo de Édipo), cuja presença é um estímulo ao desejo perigoso (complexo de castração) – persiste na terra oculta do território das lembranças infantis do adulto e exibe, por vezes, a força maior. (CAMPBELL, 2007, p.112, grifos nossos)

Como dito anteriormente, Grendel e sua mãe fazem parte da descendência de Caim, uma raça amaldiçoada. É interessante então perceber que o pai de Grendel não apareça no poema. "O pai de Grendel não é nomeado, mas aparenta ser um demônio [...]"^{vi} (NORTH, 2006, p. 68, tradução nossa). Desta forma, a Mãe de Grendel é um monstro único na narrativa do texto. Sem a representação do pai de Grendel, ela se torna pai e mãe ao mesmo tempo.



Embora a mãe de Grendel seja um monstro que, como Hyde, o monstro de Frankenstein e Drácula, mata, ela difere notavelmente das mulheres nos recentes discursos sobre monstros, porque, ao contrário de Lucy, que em Drácula é atraída para a Alteridade somente após sua morte, ela está junto com Grendel, associada desde o início com a Alteridade [...], mas ela também participa de um relacionamento paralelo ao de outras mulheres associadas à Individualidade, como *Wealtheow* e *Hildeburh*, em que o filho de cada uma está destinado à morte. [...] A luta perpétua pelo poder de gênero na sociedade e na cultura não permite que a mulher supere o homem em combate físico, mas a mulher não é de modo algum fraca como Outro do que como a mulher do Eu.^{vii} (WATERHOUSE, 1996, p.35-36, tradução nossa).

Para entender também a características dos monstros será necessário entender um pouco da cultura anglo-saxã. Os monstros em seus poemas são na maioria advindos de regiões pantanosas e muitos são monstros marinhos dado que o mar e as águas era um elemento deveras importante para a cultura deste povo. Os anglo-saxões invadiram as ilhas britânicas por volta do ano 600 d.C após o declínio de Roma e consequente abandono dos romanos da ilha. Os povos que aportaram nas ilhas eram considerados "germânicos", como os saxões, jutos e frísios. Para eles, as navegações eram de tal importância que seus heróis e reis eram enterrados em grandes navios com seus pertences mais valiosos ou queimados dentro de piras onde se colocavam seus maiores tesouros. Isto porque acreditava-se que o corpo do morto navegaria para o oeste, e de lá iria para um outro mundo, necessitando assim de seus pertences. "A exemplo de muitas culturas, o uso de embarcações nos funerais vikings está associado ao culto dos mortos e ao simbolismo da jornada da alma no além." (LANGER, 2009, p.46).

É então, concebível que os maiores de seus medos viessem das regiões mais utilizadas pelos mesmos. "Suas vidas inquietas foram gastas em grande parte ao lado do oceano; eles eram nômades por natureza, mas a aventura se encontrava principalmente no mar." ^{viii} (ANDERSON, 1966, p. 5, tradução nossa).

O ANTRO

Rei Hrothgar, ao ser alertado por qual criatura seu varão foi raptado, dá uma descrição do ambiente pavoroso de onde a criatura vive para que Beowulf entenda os perigos que enfrentará. Os ermos aqui são descritos como lugares escuros, encharcados e que possuem magias desconhecidas e criaturas estranhas. "Mais acima,



arvoredos / de escarcha encobertos: bosque escurece / água com firmes raízes. Há ali / portento (toda noite) pavoroso: / fogo flutua na água. Já o fundo, os filhos / dos homens nunca vieram (nem os mais / sábios) a conhecê-lo." (BEOWULF, 2011, p.86-87).

85

O elemento água, aqui, é muito importante, já que é nele onde a Mãe de Grendel se encontra. Focando-se somente neste elemento, que é reconhecido como feminino, Beowulf deve atravessar a região para lutar contra o ser maligno. Nesse sentido, podemos dizer que Beowulf atravessa os elementos femininos que desconhece, causando com que sua luta contra a Mãe de Grendel se dê por entre as águas de sua habitação. Como indicam os estudos de Joseph Campbell a partir do *O herói de mil faces* e a jornada do herói, a passagem por entre um limiar hostil é descrito como "o ventre da baleia", baseado na história bíblica de Jonas. "E Iahweh determinou que surgisse um peixe grande para engolir Jonas. Jonas permaneceu nas entranhas do peixe três dias e três noites." (JONAS 2:1, 2002, p. 1631). Em *Beowulf* podemos considerar este limiar como o "ventre do monstro". Afinal, a caverna ou o ermo onde a Mãe está simboliza o ventre feminino. É então, compreensível que ela lute pelo que lhe é roubado de seu útero. No final do poema, veremos que quando os elementos são trocados para o masculino, na figura do dragão, o ventre, então, passa a significar o tesouro escondido.

A vingança feminina no poema é uma característica de alto valor. Tais vinganças não eram inéditas para aqueles que conheciam as lendas nórdicas e germânicas pelas quais *Beowulf* foi influenciado. Lembrando-se principalmente da disputa entre Brynhild e Gudrun na *Saga dos Volsungs*, as figuras femininas para os anglo-saxões eram dotadas de características delicadas e podiam servir seus papéis como unificadoras de tribos através de casamentos, mas não faltavam em força e terror quando algo seu de muita importância era ameaçado.

O lugar, como já dito anteriormente, é reinado pela água, mas o ambiente é também reinado pela escuridão. É conveniente que as criaturas repulsivas habitem o mundo oculto, sendo que o desconhecido é um elemento necessário na construção do terror. Para Joseph Campbell (2007), o ambiente lúgubre é aonde o desconhecido irá se desenvolver através da mente. "As regiões do

desconhecido [...] são campos livres para a projeção de conteúdos inconscientes." (p. 83).

Ao comentar sobre a descrição do covil pantanoso no qual Grendel e sua Mãe fazem parte, deixamos de comentar sobre a característica que pode ser referida como "gótica", do ambiente que monstros se encontram. Como Rossi (2014) aponta em "Antes de Otranto: apontamentos para uma pré-história do Gótico na literatura", como gênero literário, o gótico sempre existiu em conjunto com as Trevas. Então mesmo não sendo conhecidos como góticos na época (afinal o gênero se estabelece no fim do século XVIII), os elementos são pares e as Trevas são aqui muito bem representadas pelas descrições dadas ao lar dos monstros.

O Gótico, dentro de sua condição de gênero literário possibilitado pelas Trevas e delas guardião e agente disseminador, sempre existiu e manifesta-se já nos primeiros textos da literatura ocidental, o que indica que as Trevas estão entre os princípios fundadores da literatura e das artes ocidentais, claro indício de que elas também estão inexoravelmente impregnadas na própria instauração da humanidade do humano e dos conceitos de civilização, História e imaginário. (ROSSI, 2014, p.16)

Cabe aqui lembrar que quase todas as descrições do antro dos monstros se baseiam no fato de que é impossível reconhecer o mundo que está ali. Com o plano de fundo cristão do poema, entendemos que essas descrições são talvez maneiras simples de rejeitar o universo pagão dos anglo-saxões de outrora. Para Borges (2002), tais definições espelham o sentimento que os saxões sentiram ao desembarcarem em terras novas: "[...] no Beowulf temos o sentimento da natureza como algo temível, [...] como certamente foram para os saxões, que tinham se estabelecido num país desconhecido, cuja geografia foram descobrindo à medida que iam conquistando o país." (p.23-24). Contudo, é necessário que se faça entender que, para o poeta medieval ao narrar a lenda do guerreiro Geta, o mundo visível é o mundo de Deus e o irreconhecível e que está além do entendimento dos homens é o mundo dos demônios. Este é o princípio cristão que fora difundido pelas ilhas britânicas e ao redor do mundo sendo assim estabelecido tão cedo na literatura ocidental. Borges, ao ensinar sobre os anglo-saxões e a fusão com

o cristianismo comenta que os velhos deuses foram completamente execrados como seres malignos. "Assim, no





conceito comum, os velhos deuses foram interpretados como demônios." (BORGES, 2002, p.4).

Mas os monstros do poema não eram velhos deuses e sim velhos demônios. Suas personificações já eram cruéis e tenebrosas. As criaturas não se tornaram monstros com a difusão

de uma nova religião, porém, se juntaram ao mesmo alicerce que manteve a doutrina cristã. Como Tolkien (2002) elabora: "[...] os monstros não vão embora, independente se os deuses vão ou venham".^{ix} (p.119, tradução nossa). O autor então esclarece que para monstros já existentes no imaginário pagão sua função agora é o de serem inimigos de Deus e não só dos homens. Há aí então uma das explicações de o porquê tais monstros são essenciais ao poema. A inserção de Deus no texto ilustra a força pela qual os povos convertidos terão que lutar. Os monstros são necessários como os alvos a serem destruídos e simboliza o imaginário pelo qual o cristianismo lutava na época. Tudo que se afasta de Deus, no caso o pagão, deve ser aniquilado. Os monstros antigos, quando retratados em outrora, simbolizavam somente um mal que ameaçava o mundo dos homens, contudo, a partir da característica religiosa inserida, a existência das criaturas se torna mais que uma ameaça, se torna uma ofensa.

87

DRAGÃO

Por fim nos falta falar do último dos monstros principais na narrativa: o dragão. A figura da "serpe" também não era inédita pelos conhecedores das lendas nórdicas e germânicas. Vemos até uma breve descrição de Sigemund, um dos personagens principais em *Saga dos Volsungs* e sua luta contra um dragão sendo retratada no início do poema. Não podemos, contudo, confundir esta luta em Beowulf com a luta de Sigurd e o dragão Fafnir em *Saga dos Volsungs*. Deste modo fica claro como histórias e lendas contendo dragões não estavam em falta para aquela cultura.

[...] animal fabuloso, monstro simbólico existente em quase todas as culturas e períodos da história, e por isso mesmo um tema complexo para seguir uma tipologia. [...] Após diversas manifestações mitológicas do Ocidente e do Oriente, concluímos que o dragão se apresenta genericamente com formas reptilianas ou ofídicas, com um ou mais chifres, duas ou mais patas, hábitos terrestres e aquáticos. Eventualmente

ocorrem asas, sendo essa uma variação típica do Ocidente medieval cristão. (LANGER, 2009, p.111)



Neste ponto do poema, já se passaram cinquenta anos desde as missões de Beowulf na terra dos Danos, e agora, de volta em sua tribo dos Getas, Beowulf reina como um rei veterano. O dragão parte para atacar a tribo após ter seu tesouro roubado. Tanto ele quanto a Mãe de Grendel possuem motivações quase humanas para seus ataques. Devemos então retornar ao que fora dito sobre os “ventres” presentes no texto. Como veremos a seguir, o dragão é um símbolo masculino, mas sua motivação para atacar é quase idêntica a da Mãe de Grendel, afinal, algo seu de muito valor fora roubado. É interessante ver aqui este contraste. A “Mãe Terrível” é a força vingativa por terem roubado seu filho de seu ventre e o dragão, ou o “Grande Pai”, como Morgan (1991) coloca, também se torna o “Pai Terrível”. Ele é a força que vinga por lhe roubarem seu ouro. É o último passo para que a aventura de Beowulf acabe sendo ele vitorioso ou não.

Custou o cair
da noite aguardar o guardião do ouro,
morador enfurecido do monte.
Decidiu com flamar ter sua desforra:
fora-lhe a taça de ouro. Foi-se o dia.
Ia a serpe flâmea à frente [...]
Começou a cuspir fogo a criatura.
Habitações arderam. Aterrava
toda a gente o fulgor do fogo.
(BEOWULF, 2011, p.143)

88

O dragão de Beowulf não possui as características elaboradas em Grendel e sua Mãe. Contudo, ele ainda assim representa malícia e é de fato uma peça principal para a narrativa, pois representa a ruína de Beowulf sendo aquele que o tira a vida. É possível ver, deste modo, uma repetição em certos elementos do poema. Tanto Grendel quanto sua Mãe eram forças naturais reprimidas que Beowulf teve que enfrentar para restaurar a ordem harmônica. A simbologia, na luta contra os monstros continua sendo homem contra a natureza, afinal, o dragão representa o fogo e o ar enquanto Grendel e a Mãe representam água e a terra. Beowulf se põe de novo na função de guerreiro e deve subjugar



a criatura para que o ordinário seja restabelecido. Seus esforços não são ao todo vitoriosos, afinal, Beowulf consegue vencer a besta, porém é ferido fatalmente e morre logo a seguir. Como Tolkien descreve, a morte de Beowulf pelo dragão é simplesmente a morte de um homem. Não de um deus ou criatura elevada. E a inserção dos monstros não é um simples preenchimento.

Eu sugeriria, então, que os monstros não são um erro inexplicável de gosto; eles são essenciais, fundamentalmente aliados às ideias subjacentes do poema, que lhe conferem seu tom elevado e alta seriedade.* (TOLKIEN, 1936, p.115, tradução nossa)

Os monstros não recebem nenhuma humanização em sua descrição nem justificativa ao modo como se comportam na narrativa. Eles existem com a missão de trazer infelicidade para os humanos. Assim sendo, para todos os personagens da narrativa, a única ação necessária em relação a tais criaturas seria sua exterminação.

[...] humanos são capazes de escolher o que é certo e errado e a maioria dos animais não são [...]. Monstros, contudo, são capazes apenas de ação imoral. Eles não podem escolher o certo ou o errado, mas parecem apenas capazes de escolher o errado. [...] Monstros são definidos como errados em seu ser, uma parte do mundo de fantasia em que preto e branco são mais claros do que no mundo real. O único monstro bom é um morto.^{xi} (STAVÉR, 2005, p. 200, tradução nossa)

89

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção dos cenários e personificações dos monstros seria talvez uma maneira sutil que o cristianismo encontrou para elaborar sobre a luta do homem contra o mal. Beowulf é assim o guerreiro de Deus que luta contra as forças pagãs. O texto em si de *Beowulf* funciona como um instrumento de ensino cristão dessa forma. A fusão com o pagão conseguiu abordar os elementos necessários para a propagação do cristianismo na alta Idade Média, porém, as lendas do passado continuaram tendo seu espaço e sendo reconhecidas pela população. A história de Beowulf se faz então de extrema importância neste contexto. Sendo capaz de unir o velho e o novo, o texto contribuiu para a elaboração do imaginário cristão que continuou a ser desenvolvido com base nos sincretismos religiosos até o ponto no qual as lendas pagãs ficaram completamente distorcidas na História. Sendo isso bom ou ruim para a cultura ocidental



não nos cabe aqui julgar. O poder do texto de *Beowulf* é, no entanto, contido tanto em seu poder histórico como em sua poesia, já que a elaboração da história em si é uma obra de arte. O poeta, possível conhecedor de artes clássicas não sacrificou a lenda em sua totalidade para cativar ensinamentos religiosos e assim concluiu o poema de maneira artística.

Beowulf não tem um final comemorativo, e sim um final elegíaco. Podemos considerar que mesmo sendo um texto com um grande simbolismo cristão, a narrativa se dá de uma maneira realista. Ela retrata o homem como um homem e que ainda sendo abençoado em algumas de suas aventuras, ao se opor contra as forças da natureza, não foi capaz de vencer todas elas.

REFERÊNCIAS

BEOWULF. 2.ed. bilíngue anglo-saxão/português. Trad. Erick Ramalho. Belo Horizonte: Tessitura, 2011.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BORGES, Jorge Luís. Curso de literatura inglesa. Org., pesq. e nota de Martín Arias e Martín Hadis; Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007.

CHICKERING, H D. Beowulf: A dual-language edition. New York: Anchor Books, 2006.

DONOGHUE, D.; HEANEY; S. Beowulf: A verse translation. New York; London: W.W. Norton, 2002 (A Norton Critical Edition).

KASKE, Robert E. Beowulf and the book of Enoch. *Speculum*, The University of Chicago Press on behalf of the Medieval Academy of America, v.46, n.3, 1971, p.421-431.

LANGER, Johnni. Deuses, monstros, heróis: ensaios de mitologia e religião viking. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

MORGAN, G. A. Mothers, monsters, maturation: female evil in Beowulf. *Journal of the Fantastic in the Arts*, vol. 4, no. 1 (13), 1991, p. 54–68. Disponível em: <www.jstor.org/stable/43308100> Acesso em 30 ago. 2018.

NORTH, Richard. The origins of *Beowulf* - From Vergil to Wiglaf. Oxford: Oxford University Press, 2006.



ROSSI, Aparecido Donizete. Antes de Otranto: apontamentos para uma pré-história do Gótico na literatura. Revista Solettras. N.27, p. 11-31, 2014.

STAVEN, Ruth Johnson. A companion to Beowulf. California: Greenwood Press, 2005.

TOLKIEN, J. R. R. Beowulf: The monsters and the critics. In: DONOGHUE, D.; HEANEY, S. Beowulf: A verse translation. New York; London: W.W. Norton, 2002 (A Norton Critical Edition).

VÖLSUNGA SAGA. Trad. Jesse L. 4.ed. Berkeley: University of California Press, 2002.

WATERHOUSE, Ruth: *Beowulf* as Palimpsest. In: COHEN, Jeffrey Jerome. Monster Theory. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

Recebido em 17 de abril de 2020.

Aprovado em 18 maio de 2020.

91

THE DESCENDANTS OF CAIN AND THEIR DARK DWELLINGS IN BEOWULF

ABSTRACT: The present work intends to analyze the characteristics found in the three main monsters of the Anglo Saxon poem Beowulf as well as to investigate the construction of the frightening space and atmosphere of terror found in the descriptions of the environments where the monsters of the poem are present. The work describes how the personification of the poem's monsters as "descendants of Cain" and holders of all evil illustrates how the process of conversion of the Anglo-Saxon society occurred in the early Middle Ages. The replacement of pagan values with the new Christian doctrines, that had already entered the imagination of the time period when the text was written, forced medieval poets to adapt the old legends and to give it new symbolisms contained in Christian beliefs. Because of this, Beowulf's poet had to be careful when reproducing a pagan legend in the new standards of Christianity. From studies based on Borges' readings in *Curso de literatura Inglesa* (2000) and Tolkien in "The monsters and the critics" (1936) we will discuss how the characteristics of antagonistic creatures are reflections of

OS DESCENDENTES DE CAIM
E SUAS HABITAÇÕES
TENEBROSAS EM *BÉOWULF*
Afluente, UFMA/CCEL, v.5, n.16,
p. 76-92, jul./dez. 2020
ISSN 2525-3441

Christian doctrines and how the text was carefully written to fit into such values while still trying to maintain its artistic potential. We will also focus on texts from various other critics to understand their perspectives on the creation of atmospheres of terror and construction of antagonistic characters in medieval texts.



KEYWORDS: Beowulf; christianity; medieval literature; monsters.

ⁱ "In *Beowulf*, it seems clear that whatever may be the ultimate origin of Grendel and his mother, Grendel is developed in large part as one of the notorious Old Testament giants, who, according to common tradition, were born of the union between the *fili Dei* and *filiæ hominum* [...]" (KASKE, 1971, p. 423)

ⁱⁱ "Kaske calls Grendel a perversion of *fortitudo* governed by *malitia*, or malice – all action without reflection, while the Danes are all reflection without action." (CHICKERING, 2006, p.23)

ⁱⁱⁱ "They are directly connected with Scripture, yet they cannot be dissociated from the creatures of northern myth" (TOLKIEN, 2002, p.122)

^{iv} "At this point new Scripture and old tradition touched and ignited." (TOLKIEN, 2002, p.122)

^v "(...) the Great Mother becomes the Terrible Mother, a monster which dominates, threatens, and in some manifestations actually devours the male." (MORGAN, 1991, p.55)

^{vi} "Grendel's father is unnamed, but appears to be a devil [...]" (NORTH, 2006, p. 68)

^{vii} Though Grendel's mother is a monster who, like Hyde, Frankenstein's wretch, and Dracula, kills, she differs strikingly from the women in the recent monster discourses because unlike Lucy, who in Dracula is drawn into Otherness only after her death, she is, together with Grendel, associated from the start with Otherness (...) but she also participates in a relationship that is parallel to that of other women associated with Selfness, such as Wealtheow and Hildeburh, in that the son of each is destined for death. (...) The perpetual gender power struggle within society and culture does not allow the female to overcome the male in physical combat, but the female is in no way as weak an Other as the female of the Self. (WATERHOUSE, 1996, p.35-36).

^{viii} "Their restless lives were spent in large measure beside the ocean or on its bosom; they were nomadic by nature, but their roving was chiefly sea-roving." (ANDERSON, 1966, p.5)

^{ix} [...] the monsters do not depart, whether the gods go or come." (TOLKIEN, 2002, p.119).

^x I would suggest, then, that the monsters are not an inexplicable blunder of taste; they are essential, fundamentally allied to the underlying ideas of the poem, which give it its lofty tone and high seriousness (TOLKIEN, 1936, p.115)

^{xi} [...] humans are capable of choosing right and wrong, and most animals are not [...]. Monsters, however, are only capable of immoral action. They cannot choose right or wrong but appear only capable of choosing wrong. [...] Monsters are defined as wrong in their being, a part of the fantasy world where black and white are clearer than they are in the real world. The only good monster is a dead one. (STAVEN, 2005, p. 200).